

DUSTIN THAO

VOCÊ

LIGOU PARA

O SAM

Alt



VOCÊ LIGOU PARA O SAM

DUSTIN THAO

TRADUÇÃO
ISABELA SAMPAIO





FOTO MIKA OBAYASHI

DUSTIN THAO é um autor vietnamita-americano que mora em Nova York, nos Estados Unidos. Ele se formou em Ciências Políticas pela Amherst College e está em um programa de doutorado na Northwestern University. Thao escreve ficção contemporânea, e *Você ligou para o Sam* é o seu primeiro livro para jovens.

Sumário

Pular sumário [»»]

Dedicatória

Prólogo

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo quatorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Epílogo

Agradecimentos

Créditos

Para meus pais, minha avó e Diamond

Prólogo

No segundo em que fecho os olhos, as lembranças surgem e me vejo de volta ao início.

Algumas folhas voam para dentro quando ele entra na livraria. Está vestindo uma jaqueta jeans, com as mangas arregaçadas, e um suéter branco por baixo. Já é a terceira vez que ele vem desde que comecei a trabalhar aqui, duas semanas atrás. O nome dele é Sam Obayashi, o garoto da minha turma de inglês. Passei meu expediente olhando pela vitrine, me perguntando se ele viria de novo. Por alguma razão, ainda não nos falamos. Ele só fica dando voltas pela loja enquanto registro as compras dos clientes e reponho o estoque das prateleiras. Não dá para saber se está procurando alguma coisa. Ou se gosta daquela sensação de estar dentro de uma livraria. Ou se veio me ver.

Enquanto tiro um livro da prateleira e me pergunto se ele sabe meu nome, vejo o brilho dos olhos castanhos que olham para mim do outro lado, através do espaço vazio. Ficamos em silêncio por tempo demais. Então ele sorri, e acho que está prestes a dizer alguma coisa — mas enfio o livro entre nós antes que ele tenha a chance. Pego a caixa ao meu lado e corro para a sala dos fundos. *Qual é o meu problema? Por que não sorri de volta?* Depois de me repreender por ter estragado o momento, reúno um pouco de coragem para sair e me apresentar. Mas, quando volto da sala, ele já foi embora.

No balcão da frente, encontro algo que não estava ali antes. Uma flor de cerejeira, feita de papel. Eu a giro em minhas mãos, admirando as dobras.

Será que Sam deixou isso aqui?

Se eu sair correndo da loja, talvez ainda consiga alcançá-lo. Mas, assim que disparo porta afora, a rua desaparece, e me vejo entrando num café barulhento na esquina da Third Street, quase duas semanas depois.

Mesas redondas despontam de um piso de madeira e adolescentes se amontoam ao redor delas, tirando fotos e bebendo em xícaras de cerâmica. Estou vestindo um suéter cinza, ligeiramente grande demais, e meu cabelo castanho está preso e bem-penteado. Ouço a voz de Sam antes de vê-lo atrás do balcão anotando o pedido de alguém. Reparo no movimento do seu cabelo escuro. Talvez seja o avental, mas ele parece mais alto atrás do caixa. Sigo na direção de uma mesa na outra ponta do café e coloco minhas coisas sobre ela. Espalho meus cadernos no meu tempo, reunindo coragem para me aproximar dele, mesmo que seja só para pedir minha bebida. Mas, quando tiro os olhos da mesa, ele está ali do meu lado, segurando uma xícara fumegante.

— *Ah...* — Tomo um susto com sua presença repentina. — Isso não é meu.

— É, eu sei, você pediu esse da última vez — Sam diz, colocando a bebida na mesa mesmo assim. — Um *latte* com mel e lavanda, né?

Olho para a xícara, para o balcão lotado e de volta para ele.

— Eu pago lá?

Ele ri.

— Não. Quer dizer, é por conta da casa. Não se preocupa.

— Ah.

Ficamos em silêncio. *Diz alguma coisa, Julie!*

— Posso preparar outra bebida para você no lugar dessa — ele oferece.

— Não, essa está ótima. Quer dizer... *Obrigada.*

— Sem problema — Sam diz com um sorriso. Ele desliza as mãos para dentro dos bolsos do avental. — Seu nome é Julie, né?

— Ele aponta para o próprio crachá. — O meu é Sam.

— É, a gente está na mesma turma de inglês.

— Verdade. Você já leu o texto?

— Ainda não.

— Ah, que bom. — Ele dá um suspiro. — Eu também não.

Um silêncio se instala enquanto ele fica ali parado. Ele está com um leve cheiro de canela. Nenhum de nós sabe o que dizer. Dou uma olhada ao redor.

— Você está no seu intervalo?

Sam olha para o balcão e esfrega o queixo.

— Bom, meu gerente não está aqui hoje, então acho que dá pra dizer que sim. — Ele dá um sorrisinho malicioso.

— Tenho certeza de que você merece.

— Seria meu quinto intervalo hoje, mas quem está contando?

Nós dois rimos. Meus ombros relaxam um pouquinho.

— Tudo bem se eu me sentar aqui?

— Claro... — Tiro minhas coisas do caminho, deixando que ele se sente na cadeira do meu lado.

— Você veio de onde mesmo? — Sam pergunta.

— Seattle.

— Ouvi falar que chove bastante lá.

— Chove mesmo, é.

Eu sorrio enquanto ficamos sentados juntos conversando pela primeira vez, sobre a escola, nossas aulas e pequenos detalhes sobre nós mesmos: ele tem um irmão mais novo, gosta de documentários sobre música e toca violão. De tempos em tempos, seus olhos percorrem o ambiente, como se ele também estivesse nervoso. Mas, depois de algumas horas, nós dois estamos rindo como velhos amigos. Lá fora o sol se põe, e sua pele fica quase dourada à luz da janela. É difícil deixar de notar. É só quando um grupo de amigos do Sam passa pela porta e chama seu nome que olhamos para cima e percebemos quanto tempo já se passou.

Uma garota loira de cabelo comprido põe um braço em volta dos ombros do Sam, abraçando-o por trás. Ela me olha de relance.

— Quem é essa?

— É a Julie. Ela acabou de se mudar para cá.

— Ah... De onde?

— Seattle — respondo.

Ela me encara.

— Essa é minha amiga Taylor — Sam diz, dando tapinhas no braço que ainda o envolve. — Estamos indo ver um filme. Eu saio do trabalho daqui a uma hora. Você deveria ir.

— É um thriller psicológico — Taylor acrescenta. — Provavelmente você não curte essas coisas.

Olhamos uma para a outra. Não sei dizer se ela está sendo grosseira.

Meu celular vibra na mesa e dou uma olhada na hora. Parece que acordei de um devaneio.

— Tranquilo. É melhor eu ir para casa.

Quando me levanto da mesa, Taylor desliza para a minha cadeira, o que me faz pensar se eles estão juntos. Dou tchau, mas, antes de ir, sigo na direção do balcão. Quando acho que Sam não está olhando, tiro uma flor de papel da minha bolsa e a coloco ao lado do caixa. Passei uma semana assistindo a tutoriais sobre como fazer uma dobradura de flor de cerejeira como a que encontrei na livraria. Mas o passo a passo era difícil demais para que minhas mãos inexperientes pudessem acompanhar. Foi mais fácil fazer um lírio.

Fecho minha bolsa e saio correndo pela porta do café, e de repente estou na varanda da minha casa, encarando o gramado. O orvalho da manhã ainda cobre a grama. O carro do Sam para com a janela aberta. Ele me mandou uma mensagem na noite anterior.

Oi. Aqui é o Sam. Acabei de tirar carteira!

Quer carona para a escola amanhã?

Posso te buscar no caminho se você quiser Sento no banco do passageiro e fecho a porta do carro. Sinto um cheiro agradável de couro e frutas cítricas. *Será que é perfume?* Sam tira sua jaqueta jeans do lugar enquanto ponho o cinto de segurança. Um cabo USB conecta o som do carro ao celular dele, que fica no porta-copo. Há uma música tocando ao fundo, mas não a reconheço.

— Pode mudar de música se quiser — Sam diz. — Aqui, conecta seu celular.

Uma onda de pânico me atinge e aperto meu celular com força. Ainda não quero que ele saiba o que eu escuto. *E se ele não gostar?*

— Não, essa está boa.

— Ah, você também gosta de Radiohead?

— Quem não gosta? — digo. Fazemos um trajeto silencioso pelas ruas do bairro. Trocamos olhares de vez em quando,

enquanto penso em coisas para dizer. Olho para o banco de trás. Há um paletó pendurado na alça de teto. — Esse carro é seu?

— Não, é do meu pai — Sam responde, baixando o volume. — Ele não trabalha quinta-feira, então é a única manhã que posso dirigir. Mas estou juntando dinheiro para comprar meu próprio carro. É por isso que estou trabalhando no café.

— Estou tentando juntar dinheiro também.

— Para quê?

Penso a respeito.

— Para a faculdade, acho. Talvez um apartamento, depois que eu me mudar ou alguma coisa assim.

— Para onde você vai se mudar? Você acabou de chegar aqui.

Não sei o que dizer.

Sam assente com a cabeça.

— Então é um *segredo*...

Abro um sorriso com as palavras dele.

— Talvez eu te conte qualquer hora.

— Justo — Sam diz e olha para mim. — Que tal na quinta que vem?

Seguro uma risada enquanto entramos no estacionamento da escola. Por mais que o trajeto seja curto, as quintas-feiras estão se tornando meu novo dia favorito da semana.

A lembrança muda mais uma vez. Luzes dançam pelo chão do ginásio e a música toca alto quando passo por um arco feito de balões prateados e dourados. É a noite do baile da escola e não conheço ninguém. Estou usando o vestido novo que minha mãe me ajudou a escolher, um de cetim azul-escuro esvoaçante. Com meu cabelo comprido preso para cima, mal me reconheci quando me olhei no espelho. Eu queria ficar em casa, mas meus pais me obrigaram a sair e fazer amigos. Não queria decepcioná-los. Passei a última hora parada contra a parede fria de cimento enquanto observava a pista se encher de gente dançando e rindo. Dou uma olhada no meu celular de vez em quando, fingindo estar esperando por alguém, mas é só uma tela de bloqueio vazia. Talvez isso tenha sido um erro.

Algo me impede de ir embora. Sam chegou a dizer que talvez viesse hoje à noite. Mandeí mensagem para ele algumas horas

atrás, mas ele não respondeu — talvez ainda não tenha olhado o celular? Quando a música desacelera e a multidão se dispersa, saio do meu lugar na parede e ando na direção da pista de dança, procurando por ele. Demoro um tempinho, mas, no momento em que o vejo, meu coração afunda. Ali está ele, com os braços em volta da Taylor, dançando uma música lenta. Sinto meu estômago revirar. *Por que foi que eu vim?* Deveria ter ficado em casa. Não deveria ter mandado mensagem para ele. Eu me afasto antes que alguém me veja e disparo em direção às portas do ginásio.

A noite vai se revelando ao meu redor enquanto a música alta soa abafada, permitindo que eu respire com mais facilidade. O estacionamento, iluminado por alguns postes de luz, parece tão calmo em comparação com a pista de dança. Está nublado esta noite. Eu deveria ir para casa antes que as nuvens se tornem chuva. Penso em mandar uma mensagem pedindo para minha mãe me buscar, mas está cedo demais. Não quero que ela me pergunte qual é o problema. Talvez eu volte a pé para casa e entre escondida no meu quarto. Meus calcanhares estão começando a doer, mas ignoro a dor. Enquanto atravesso o estacionamento, a porta do ginásio se abre atrás de mim, seguida de uma voz que reconheço de imediato.

— *Julie...*

Eu me viro e vejo Sam, que parece mais sério do que o normal de terno preto.

— Aonde você está indo? — ele pergunta.

— Para casa.

— Na chuva?

Não sei o que dizer. Eu me sinto uma idiota. Então, forço um sorriso.

— É só um pouquinho de névoa. Sou de Seattle, lembra?

— Posso te dar uma carona se você quiser.

— Tudo bem. Não ligo de ir andando. — Minhas bochechas estão quentes.

— Tem certeza?

— Tenho, não se preocupa. — Quero ir embora daqui. Mas Sam não sai do lugar.

Tento de novo.

— Sua namorada deve estar te esperando lá dentro.

— O quê? — Ele gagueja um pouco. — A Taylor não é minha namorada. A gente é só amigo.

Há muita coisa que quero dizer, mas o embrulho no estômago me impede de falar. Eu não deveria me sentir assim. Sam e eu nem estamos juntos.

— Por que você está indo embora tão cedo?

A imagem dele sob as luzes coloridas, com os braços em volta da Taylor, me vem à mente, mas não existe a menor possibilidade de eu lhe contar a verdade.

— Bailes de escola não são muito a minha praia. É só isso.

Sam faz que sim e desliza as mãos para dentro dos bolsos.

— É, eu te entendo. Esses bailes podem ser bem toscos.

— Será que alguém se diverte nessas coisas?

— Bom, talvez você não tenha ido com a pessoa certa.

Perco o fôlego enquanto absorvo a frase. Mesmo do lado de fora do ginásio, ainda dá para ouvir a música por trás das paredes, transformando-se em mais uma canção lenta.

Sam fica parado na porta, balançando para a frente e para trás nas solas dos seus sapatos sociais.

— Você não... gosta de dançar?

— Não sei... Não sou muito boa nisso. E não gosto que as pessoas fiquem me olhando.

Sam olha à nossa volta. Depois de um instante, ele sorri um pouco e estende a mão.

— Bom, não tem ninguém vendo a gente agora...

— *Sam...* — eu começo.

Seu sorrisinho de sempre aparece.

— Só *uma* música.

Prendo a respiração enquanto Sam dá um passo à frente e pega minha mão, me puxando para perto dele. Nunca imaginei que minha primeira dança seria assim, nós dois balançando do lado de fora, no estacionamento da escola. O rosto dele fica levemente úmido na névoa, e inalo seu cheiro doce familiar, apoiando minha bochecha em seu peito. Quando ponho as mãos nos seus ombros, ele percebe algo.

— O que é isso?

A flor de cerejeira de papel. Está amarrada no meu punho com uma fita.

Minhas bochechas ficam quentes de novo.

— Não consegui um *corsage*. Então fiz um eu mesma.

— Fui eu que te dei isso.

— Eu sei que foi.

Sam sorri com minha resposta.

— Sabe, eu queria te chamar para o baile de hoje, mas fiquei com medo de você dizer não.

— O que te fez achar isso?

— Você não me mandou mensagem. Naquele dia em que a gente se encontrou na livraria.

Semicerro os olhos na direção dele, tentando me lembrar.

— Mas você não me deu seu número.

Sam abaixa a cabeça, rindo sozinho.

— Qual é a graça? — pergunto, levemente irritada, enquanto ele pega minha mão. Ele puxa a flor de cerejeira do meu punho e começa a desdobrá-la. Ameaço protestar, mas fico em silêncio quando a flor vira apenas uma folha de papel nas mãos dele. Dentro tem um bilhete com o nome e o número do Sam.

— Nunca pensei em abrir ela... — eu digo.

— Acho que a culpa é minha.

Nós dois rimos disso. Então meu sorriso some.

— O que houve? — Sam pergunta.

— Ela está destruída agora.

O papel está rasgado e úmido por causa da névoa.

— Não se preocupa — Sam diz. — Posso fazer outra para você. Posso fazer outras mil.

Eu o envolvo com os braços e continuamos nossa dança lenta no estacionamento, ouvindo a música por trás da parede do ginásio, enquanto a névoa vai se avolumando como nuvens ao nosso redor antes de se transformar numa noite de céu limpo, e a lembrança muda de novo.

Roupas voam pela janela do segundo andar enquanto eu corro para o gramado, cheio de coisas do meu pai. Meus pais estão gritando há uma hora, e não suporto mais ficar em casa. Sempre soube que as coisas iam acabar em algum momento, mas nunca

pensei que fosse acontecer tão cedo. *Aonde mais posso ir?* Pedi para Sam vir me buscar, mas ele ainda não chegou. Sinto os vizinhos me observando das suas janelas. Não posso mais ficar esperando aqui. Viro o quarteirão e começo a correr até que tudo desapareça atrás de mim.

Não sei nem para onde estou indo. Continuo correndo até nada mais parecer familiar. Só quando chego aos limites da cidade, onde a grama se estende em direção às montanhas, é que percebo que esqueci meu celular. Um par de faróis ilumina a estrada vazia. Quando saio do caminho, o carro diminui a velocidade até parar na minha frente e percebo que é Sam.

— Está tudo bem? — ele pergunta enquanto eu sento no banco do passageiro. — Apareci na sua casa, mas você não estava lá.

Se eu tivesse me lembrado do meu celular, teria compartilhado minha localização com ele.

— Como você sabia onde me encontrar?

— Eu não sabia... Só não parei de procurar.

Ficamos sentados no carro dele com o motor zumbindo por um bom tempo.

— Quer que eu te leve para casa? — Sam pergunta por fim.

— Não.

— Para onde você quer ir, então?

— Para qualquer outro lugar.

Sam começa a dirigir. Rodamos a cidade até perdermos a noção do tempo. As luzes das lojas vão se apagando uma a uma à medida que as ruas começam a escurecer. Sem ter mais para onde ir, Sam entra no estacionamento de uma loja de conveniência 24 horas e desliga o carro. Ele não me pergunta nada sobre o que aconteceu. Só me deixa descansar a cabeça no vidro e fechar os olhos por um instante. Antes de cair no sono, a última coisa de que me lembro é a luz fluorescente do letreiro da loja de conveniência e Sam me cobrindo com sua jaqueta jeans enquanto eu adormeço.

Acordo na grama na hora mágica. A luz do sol aquece minhas bochechas enquanto me levanto e olho ao redor. As árvores estão cheias de flores dobradas à mão, centenas delas, amarradas com longas cordas, balançando na brisa como salgueiros. Quando fico de pé, percebo uma trilha de pétalas que leva ao som de um violão

tocando à distância. Sigo o som, passando por uma cortina de flores de papel, e me lembro de onde estou. Nosso lugar secreto no lago. O lugar em que já nos encontramos centenas de vezes. No momento em que passo pelas árvores e vejo a luz do sol reluzir na água, eu o encontro ali, esperando por mim.

— Julie... — Sam chama meu nome enquanto pousa seu violão no chão. — Não tinha certeza se você vinha...

— Eu não tinha certeza se você ainda estaria aqui — eu digo. Ele pega minhas mãos.

— Eu sempre vou estar aqui por você, Jules.

Não questiono isso. Pelo menos não agora.

Sentamos perto do lago e ficamos olhando para a água. As nuvens se movem lentamente em meio ao céu rosado. Às vezes, eu queria que o sol nunca se pusesse, para que pudéssemos ficar aqui, curtindo a companhia um do outro, conversando como sempre fazemos, rindo das piadas internas, fingindo que nada nunca poderia dar errado. Olho para Sam e absorvo seu rosto, seu sorriso lindo, seu cabelo preto que se espalha pela testa, sua pele bronzeada, e desejo poder congelar este momento e guardá-lo para sempre. Mas não posso. Mesmo num sonho, não sou capaz de parar o tempo. As nuvens estão se avolumando acima de nós, e há um estranho tremor debaixo da terra. Sam também deve ter percebido, porque fica de pé.

Seguro a mão dele.

— *Não vai ainda.*

Sam olha para mim.

— Julie... Se eu pudesse ficar com você, eu nunca iria embora.

— Mas você *foi* embora.

— Eu sei... Eu sinto muito.

— Você nunca disse adeus...

— Porque eu nunca pensei que fosse precisar...

De repente, um vento sopra atrás de nós, como se tivesse vindo para levá-lo para longe de mim. Por trás das árvores, o sol começa a se pôr, lançando sombras pela água. Não era para acabar assim. Era só o início. Nossa história mal tinha começado. Meu coração bate forte. Aperto a mão do Sam com mais força para impedir que ele se vá.

— *Isso não é justo, Sam...* — começo a dizer, mas minha garganta trava quando sinto lágrimas se acumulando nos meus olhos.

Sam me beija uma última vez.

— Eu sei que isso não fazia parte do nosso plano, Julie. Mas pelo menos tivemos esse tempo juntos, né? Quero que você saiba... Se eu pudesse fazer tudo de novo, eu faria. Cada segundo.

Se o fim é tão doloroso assim, não sei se valeu a pena.

Afrouxo um pouco a mão quando penso nisso.

— Desculpa, Sam... — eu digo, dando um passo para trás. — Mas não acho que posso dizer o mesmo...

Sam me encara como se esperasse eu retirar o que disse. Mas não temos mais tempo. Sam começa a desaparecer na minha frente, dissolvendo-se em pétalas de flor de cerejeira. Observo o vento ficar mais forte e puxá-las pelo ar. Antes que ele suma completamente, estico a mão para pegar uma única pétala e a aperto firme contra o peito. Mas, de alguma maneira, ela escapa dos meus dedos e desaparece no céu. Assim como o restante dele.

Capítulo um

AGORA

Sete de março, 23h09. Nem esquento mais de vir me buscar. Posso ir para casa a pé.

Eu fui mesmo a pé para casa. Percorri todos os oito quilômetros desde a rodoviária, arrastando uma bagagem de mão abarrotada com uma rodinha quebrada no meio da noite. Sam tentou falar comigo sem parar. Doze mensagens não lidas, sete chamadas perdidas e uma mensagem de voz. Mas ignorei todas elas e continuei andando. Agora que as li de novo, queria não ter ficado tão irritada com ele. Queria ter atendido o telefone. Quem sabe então tudo seria diferente.

A luz da manhã atravessa as cortinas enquanto me encolho na cama, ouvindo a mensagem de voz do Sam mais uma vez.

“Julie... Você tá aí?” Ao fundo, risadas e o estalar da fogueira. *“Me desculpa! Esqueci completamente. Mas tô saindo agora! Tá bom? Me espera aí! Devo levar só uma hora. Eu sei, tô me sentindo péssimo. Por favor, não fica com raiva. Me liga, tá?”*

Se ao menos ele tivesse me ouvido e ficado com os amigos... Se ao menos não tivesse se esquecido de mim para início de conversa... Se ao menos simplesmente me deixasse ficar chateada só dessa vez em vez de sempre tentar consertar as coisas, ninguém estaria me culpando pelo que aconteceu. *Eu* não estaria me culpando.

Ouçó a mensagem de voz mais algumas vezes antes de apagar tudo. Então, saio da cama e começo a revirar as gavetas em busca de qualquer coisa que fosse do Sam ou que me lembrasse dele. Encontro fotos nossas, cartões de aniversário, ingressos de cinema, flores de papel, presentes bobos como o lagarto de pelúcia que ele ganhou no parque de diversões da cidade no outono passado, além

de todos os CDs que ele gravou para mim ao longo dos anos (quem ainda grava CDs?) e enfiou tudo numa caixa.

A cada dia que passa, vai ficando mais difícil olhar essas pequenas lembranças dele. Dizem que com o tempo fica mais fácil seguir em frente, mas mal consigo segurar uma foto sem que minhas mãos tremam. Meus pensamentos o encontram, é sempre assim. *Não posso manter você por perto, Sam. Isso me faz pensar que você ainda está aqui. Que você vai voltar. Que talvez eu te veja de novo.*

Depois de recolher tudo, dou uma boa olhada no meu quarto. Nunca percebi o quanto do Sam eu mantinha por aqui. Agora o cômodo parece tão desocupado... Como se houvesse um vazio no ar. Como se faltasse algo. Respiro fundo algumas vezes antes de pegar a caixa e sair do quarto. É a primeira vez na semana que consigo sair da cama antes do meio-dia. Só dou dois passos para fora da porta antes de perceber que me esqueci de uma coisa. Ponho a caixa no chão e volto para pegá-la. Dentro do meu armário está a jaqueta jeans do Sam. Aquela com gola de lã e alguns *patches* bordados (logos de bandas e bandeiras de lugares para onde ele já viajou) nas mangas que ele mesmo aplicou. Estou com ela há tanto tempo, e a visto com tanta frequência, que esqueci que era dele.

Tiro a jaqueta do cabide. O jeans está frio ao toque, quase úmido. Como se ainda estivesse guardando a chuva da última vez em que a vesti. *Sam e eu corremos pelas ruas cheias de poças enquanto rajadas de relâmpagos clareiam o céu. O mundo está caindo no nosso trajeto para casa depois do show dos Screaming Trees. Puxo a jaqueta por cima da cabeça enquanto Sam segura seu violão autografado firme contra o peito, desesperado para mantê-lo seco. Passamos três horas esperando do lado de fora até o vocalista da banda, Mark Lanegan, sair e chamar um táxi.*

— *Estou tão feliz da gente ter esperado!* — Sam grita.

— *Mas estamos encharcados!*

— *Não deixa uma chuvinha estragar nossa noite!*

— *Você chama isso de chuvinha?*

De todas as coisas que estou jogando fora, essa é a que mais me faz lembrar dele. Ele a usava todos os dias. Talvez seja coisa da

minha cabeça, mas ainda está com o cheiro dele. Não tive a chance de devolvê-la, como prometi. Aperto a jaqueta no meu corpo. Por um instante, considero ficar com ela. Quer dizer, por que tudo tem que ir embora? Posso enfiá-la no fundo do armário, escondê-la entre meus casacos ou algo do tipo. Parece um desperdício jogar fora uma jaqueta em perfeito estado, não importa de quem ela já foi. Então olho de relance para o espelho e caio na real.

Meu cabelo está despenteado; minha pele, mais pálida do que o normal. Ainda estou usando a camisa de ontem, segurando a jaqueta do Sam como se ainda fosse uma parte dele. Uma onda de vergonha me percorre e eu desvio o olhar. Seria um erro ficar com ela. Tudo tem que ir embora, senão nunca vou ser capaz de seguir em frente. Fecho a porta do armário e saio correndo antes que mude de ideia.

No andar de baixo, na cozinha, encontro minha mãe inclinada sobre a pia, olhando pela janela. É domingo de manhã, então ela está trabalhando de casa. O último degrau range quando piso nele.

— Julie... É você? — minha mãe pergunta sem se virar.

— Sim, não se preocupa. — Minha ideia era sair de fininho com a caixa pelas costas dela. Não estou a fim de ter toda uma conversa sobre o que tem dentro. — O que você está olhando?

— É o Dave de novo — ela sussurra, espiando pela cortina. — Estou vendo ele instalar novas câmeras de segurança do lado de fora da casa.

— Ah, é?

— É exatamente como eu esperava.

Dave é o nosso vizinho que se mudou seis meses atrás. Por algum motivo, minha mãe acha que ele foi enviado para nos vigiar. Ela está paranoica desde que recebeu uma carta do governo alguns anos atrás, cujo conteúdo ela se recusa a compartilhar comigo. “É melhor se você não souber”, ela disse quando perguntei. Acho que tem alguma coisa a ver com uma palestra que ela deu no emprego antigo e que incitou protestos. Os alunos dela percorreram o campus destruindo relógios em todas as paredes. Qual era o motivo do protesto? O conceito de tempo. Justiça seja feita, ela disse que os alunos “não entenderam”. Mas a universidade decidiu que seu estilo didático era radical demais e a dispensou. Ela está convencida

de que eles a denunciaram ao governo. “Aconteceu a mesma coisa com o Hemingway”, explicou para mim. “Mas ninguém deu ouvidos a ele. A história é fascinante. Você devia dar um google.”

— Ouvi dizer que alguém invadiu a garagem dele na outra semana — digo para relaxá-la. — Provavelmente é esse o motivo das câmeras.

— Que conveniente — minha mãe diz. — Nós moramos aqui há o quê, quase três anos? Ninguém nunca pegou nem um gnomo de jardim.

Ajeito a caixa, que está começando a ficar pesada.

— Mãe, a gente nunca teve um gnomo de jardim — digo. *Ainda bem.* — E a gente também não coleciona carros esportivos antigos.

— De que lado você está mesmo?

— Do nosso — asseguro a ela. — Só me diz qual é o nosso plano para acabar com ele.

Minha mãe solta a cortina e suspira.

— Já entendi... Estou sendo paranoica. — Ela respira fundo, solta o ar como o instrutor de yoga lhe ensinou e então olha para mim. — Enfim, estou feliz que você acordou — diz. Seus olhos piscam para o relógio acima da geladeira. — Eu estava de saída, mas posso preparar alguma coisa para você se estiver com fome. Ovos? — Ela desliza na direção do fogão.

A chaleira elétrica começa a ferver. Perto da pia, ao lado de uma colher de chá, vejo um pacote de café.

— Não, estou bem.

— Tem certeza? — minha mãe insiste, com a mão pairando sobre o cabo de uma panela limpa. — Posso preparar outra coisa. Deixa eu pensar... — Ela parece mais apressada do que de costume. Olho de relance para a bancada e vejo uma pilha de provas não corrigidas. As provas semestrais acabaram recentemente na universidade local onde minha mãe trabalha. Ela é professora assistente do departamento de filosofia. Foi um dos poucos lugares que a entrevistaram depois do incidente. Felizmente, um dos seus antigos colegas é titular na universidade e pôs o nome dele na reta. Um erro e os dois poderiam perder o emprego.

— Na verdade, estou de saída. — Fico olhando para o relógio, tentando passar a impressão de que estou com pressa. Quanto

mais tempo eu ficar por aqui, mais perguntas ela pode me fazer.

— Saindo de casa? — minha mãe pergunta. Ela desliga a chaleira elétrica e seca as mãos com um pano de prato.

— Só vou dar uma volta.

— Ah... Tá. Quer dizer, isso é bom. — Faz uma semana que minha mãe tem levado refeições para o meu quarto e passado para ver como estou várias vezes por dia. Então, não fico surpresa de ouvir um tom de preocupação na voz dela.

— E vou encontrar uma amiga.

— Fantástico. — Minha mãe faz que sim. — Vai ser bom pra você tomar um ar fresco, um café decente. E é bom ver seus amigos. Aliás, você já falou com o sr. Lee na livraria?

— Ainda não... — Na verdade, não falei com ninguém.

— Você deveria entrar em contato com ele, se puder. Pelo menos pra avisar que você está bem. Ele deixou alguns recados.

— Eu sei...

— Alguns professores também.

Tiro minha bolsa de um gancho na parede.

— Não se preocupa, mãe, vou falar com eles amanhã.

— Então você vai voltar para a escola?

— Eu tenho que voltar — respondo. — Se eu faltar mais uma semana, eles não vão deixar eu me formar. — Isso sem falar que estou atrasada em todas as tarefas, que não param de se acumular. Eu realmente preciso retomar o foco e me recompor, porque o que mais posso fazer? O mundo continua girando, não importa o que aconteça com a gente.

— Julie, não se preocupa com nada disso — minha mãe diz. — Eles vão entender se você precisar de mais tempo. Na verdade — ela levanta o dedo —, deixa eu fazer uma ligação. — Ela gira num círculo, olhando ao redor. — Cadê aquele negócio...

O celular dela está na mesa da cozinha. Quando minha mãe se aproxima para pegá-lo, pulo na frente dela.

— Mãe, escuta, eu estou *bem*.

— Mas, Julie...

— *Por favor*.

— Tem certeza?

— Prometo que estou bem, tá? Não precisa ligar pra ninguém.
— Não quero que ela se preocupe comigo. Consigo lidar com isso sozinha.

— Então tá bom. — Minha mãe suspira. — Já que você diz. — Ela segura meu rosto com as mãos, acariciando minhas bochechas com os polegares, e tenta sorrir. A cor prata do seu cabelo brilha lindamente com a luz. Às vezes esqueço que ela já foi loira. Enquanto nos encaramos, minha mãe olha para baixo.

— E aí, o que tem na caixa?

Eu estava torcendo para ela não perceber.

— Não é nada. Estava fazendo uma faxina no meu quarto.

Sem me pedir, ela levanta a jaqueta como uma tampa e dá uma olhada lá dentro. Não demora muito para ela ligar os pontos.

— Ah, Julie... Tem certeza disso?

— Não é nada de mais...

— Você não precisa se desfazer de tudo — ela diz, vasculhando a caixa. — Quer dizer, dá pra guardar algumas coisas, se você quiser...

— *Não* — digo com convicção. — Não preciso de nada disso.

Minha mãe solta a jaqueta e dá um passo para trás.

— Está bem. Não vou te impedir de fazer isso.

— Tenho que ir. Te vejo mais tarde.

Saio de casa pela porta da garagem. No meio-fio, largo a caixa com os pertences do Sam perto da caixa de correio e da lixeira de recicláveis. Ela bate no chão com um estrondo, como se fossem moedas e ossos. A manga da jaqueta fica pendurada na lateral da caixa como o braço de um fantasma. Ajeito a camisa e começo minha caminhada matinal para o centro da cidade, deixando o sol me aquecer pela primeira vez em dias.

Na metade do quarteirão, uma brisa começa a empurrar folhas pelo meu caminho quando paro na calçada, atingida por um pensamento estranho. Se eu me virasse, ele estaria ali, segurando sua jaqueta e olhando para o resto das suas coisas? Imagino a expressão no rosto dele, e chego até a me perguntar o que ele poderia dizer, enquanto atravesso a rua e continuo a percorrer o quarteirão sem olhar para trás em nenhum momento.

Sinto uma leve friagem conforme avanço pela cidade. Ellensburg fica a leste de Cascades, então rajadas de vento da montanha nos atingem de vez em quando. É uma cidade pequena feita de prédios históricos de tijolinhos e um amplo espaço aberto. É uma cidade onde nada acontece. Meus pais e eu nos mudamos de Seattle para cá três anos atrás quando minha mãe conseguiu um novo emprego na Central Washington University, mas só nós duas ficamos depois que lhe ofereceram uma vaga de tempo integral. Meu pai voltou para o antigo emprego em Seattle e não olhou para trás. Eu nunca o culpei por ter ido embora deste lugar. Aqui não era o lugar dele. Às vezes também sinto que aqui não é o meu lugar. Minha mãe descreve Ellensburg como uma cidadezinha antiga que ainda está se descobrindo numa era em que todo mundo quer estar na cidade grande. Por mais que eu mal veja a hora de ir embora deste lugar, admito que ele tem seu charme.

Cruzo os braços ao chegar no centro da cidade e noto as mudanças que a primavera trouxe nas últimas semanas. Cestos de flores desabrocham sob os postes de luz. Uma fileira de tendas brancas se estende pelo quarteirão principal para a feira livre semanal. Atravesso a rua para evitar a multidão, na esperança de não encontrar ninguém. O centro de Ellensburg costuma ser bonito, especialmente nos meses mais quentes. Mas, ao caminhar de novo por estas ruas, me lembro dele. *Sam me espera sair do trabalho e compramos falafels na barraquinha de comida. Vamos ao cinema assistir a um filme nos “domingos por cinco dólares” e depois passeamos pela cidade juntos.* Quando o sinto parado na esquina, à minha espera, meu coração dispara e penso em voltar atrás. Mas não há ninguém ali, a não ser uma mulher entretida com seu celular. Eu passo sem que ela perceba.

Minha amiga Mika Obayashi e eu marcamos de nos encontrar para um café na lanchonete do outro lado da cidade. Há várias cafeterias na região, mas ontem à noite mandei uma mensagem para Mika dizendo que não estou nem um pouco a fim de encontrar ninguém. “Nem eu”, ela respondeu. Dentro da lanchonete, estou sentada a uma mesa ao lado da janela, perto de um casal de idosos dividindo um cardápio. Quando a garçonete se aproxima, peço uma xícara de café, sem creme nem açúcar. Costumo colocar um pouco

de leite, mas estou me treinando a tomar café puro. Li em algum lugar na internet que é um gosto que se adquire, assim como o vinho.

Só tomei alguns goles quando o sininho toca lá do teto e Mika passa pela porta, procurando por mim. Ela está vestindo um cardigã preto e um vestido escuro que nunca a vi usar antes. Sua aparência é melhor do que eu esperava, dadas as circunstâncias. Talvez tenha acabado de vir de uma das cerimônias. Minha mãe me disse que ela falou no funeral. Mika é prima do Sam. Foi assim que eu a conheci. Sam nos apresentou quando me mudei para cá.

Assim que me vê, Mika se aproxima e desliza pelo banco vermelho. Eu a observo baixar o celular e jogar a bolsa embaixo da mesa. A mesma garçonete volta, põe uma xícara sobre a mesa e serve uma torrente de café.

— Um pouco de açúcar e leite extras seria ótimo — Mika pede.
— Por favor.

— Claro — a garçonete diz.

Mika levanta a mão.

— Na verdade, tem leite de soja?

— De soja? Não.

— Ah. — Mika franze a testa. — Só leite, então. — Assim que a garçonete se vira, Mika olha para mim. — Você não respondeu minhas mensagens. Não tinha certeza se a gente ainda ia se encontrar.

— Desculpa. Não ando muito boa em responder ultimamente. — Não tenho outra desculpa. Tenho o hábito de deixar meu celular no silencioso. Mas, esta semana, estive especialmente desconectada.

— Eu entendo — ela diz, franzindo a testa de leve. — Por um segundo, pensei que você pudesse ter cancelado sem falar nada comigo. Você sabe que não gosto de levar bolo.

— E foi por isso que cheguei mais cedo.

Nós duas sorrimos. Tomo um gole de café.

Mika toca minha mão.

— Senti sua falta — ela sussurra, apertando-a.

— Também senti sua falta. — Por mais que eu diga a mim mesma que gosto de ficar sozinha, sinto uma onda de alívio por ver um rosto familiar. Por ver Mika de novo.

A garçonete chega, põe sobre a mesa uma pequena jarra de leite, tira alguns pacotinhos de açúcar do avental e desaparece de novo. Mika abre três pacotinhos e os despeja dentro da xícara. Ela pega a jarra e a estende.

— Leite? — ela oferece.

Balanço a cabeça.

— Porque não é de soja?

— Não... Estou tentando tomar café puro.

— Hmm. Impressionante — ela diz, assentindo com a cabeça. — Bem Seattle da sua parte.

Com a palavra “Seattle”, o celular da Mika se acende com as notificações que surgem na tela. O celular vibra na mesa. Mika espia o aparelho, depois olha para mim.

— Deixa eu guardar isso. — Ela esconde o celular na bolsa e pega um cardápio. — Você queria pedir alguma coisa?

— Não estou com fome, na verdade.

— Ah, tudo bem.

Mika devolve o cardápio à mesa. Ela entrelaça os dedos enquanto eu tomo outro gole de café. O jukebox pisca com luzes laranjas e azuis do outro lado do recinto, mas nenhuma música toca. Um clima de silêncio quase se instala entre nós até Mika finalmente fazer a pergunta.

— Então, quer falar sobre isso?

— Na verdade, não.

— Tem certeza? Pensei que fosse por isso que você quis marcar.

— Eu queria sair de casa.

Ela faz que sim.

— Isso é bom. Mas como você tem lidado com tudo isso?

— Bem, eu acho.

Mika não diz nada e olha para mim, como se esperasse mais.

— Bom, e você? — pergunto a ela. — Como tem estado?

Mika olha para a mesa enquanto pensa a respeito.

— Não sei. As cerimônias têm sido difíceis. Não tem um templo de verdade por aqui, então a gente está fazendo o que pode. Tem várias tradições e costumes que eu nem conhecia, sabe?

— Não posso nem imaginar... — digo. Mika e Sam sempre tiveram uma ligação com a cultura deles de um jeito que eu nunca tive. Meus pais são de algum lugar no norte da Europa, mas isso não é algo em que eu pense a respeito.

Voltamos a ficar em silêncio. Mika mexe seu café por um bom tempo sem dizer nada. Então ela fica imóvel, como se lembrasse de alguma coisa.

— Fizemos uma vigília por ele — ela diz sem olhar para mim. — No dia seguinte. Passei a noite inteira com ele. Tive a chance de vê-lo de novo...

Sinto um aperto no estômago ao pensar nisso. A ideia de *ver* Sam mais uma vez depois que ele... Eu me impeço de imaginar. Tomo outro gole de café e tento apagar a imagem, mas ela não vai embora. Queria que ela não tivesse me contado isso.

— Eu sei. Não é todo mundo que queria ver ele daquele jeito — Mika diz, ainda sem olhar para mim. — Eu quase não consegui também. Mas sabia que seria a última vez que teria a chance. Então eu fui.

Não digo nada. Bebo meu café.

— Mas tinha muita gente no funeral — ela continua. — Não tínhamos lugares o suficiente. Tinha gente da escola que eu nem reconheci. E muitas flores.

— Isso é muito bom.

— Algumas pessoas perguntaram por você — Mika diz. — Eu disse a elas que você não estava se sentindo bem. Que você prefere visitar ele sozinha.

— Não precisava explicar nada — eu digo.

— Eu sei. Mas algumas pessoas não paravam de perguntar.

— Quem?

— Não importa quem — Mika diz, fazendo pouco caso.

Tomo o último gole de café, que a esta altura já perdeu todo o calor, o que intensifica o gosto amargo.

Mika olha para mim.

— Então, você já foi visitar ele?

Respondo no meu tempo.

— Não... Ainda não.

— Você quer? — ela pergunta, pegando minha mão de novo. — A gente pode ir agora. Juntas.

Eu puxo a mão de volta.

— Eu... eu não posso agora...

— Por que não?

— Tenho umas coisas para fazer — respondo vagamente.

— Tipo o quê?

Não sei o que dizer. *Por que eu tenho que me explicar?*

Mika se inclina na mesa e abaixa o tom de voz.

— Julie, eu sei que tudo isso foi terrível pra você. Tem sido terrível pra mim também. Mas não dá pra evitar isso pra sempre. Você deveria vir, se despedir dele. Especialmente agora. — Depois, quase num sussurro, ela diz: — Por favor, é o *Sam*...

Sua voz falha ao dizer o nome dele. Ouço um choro se formar em sua garganta enquanto ela dá um jeito de segurá-lo. Vê-la desse jeito machuca meu peito, fica impossível falar. Não acredito que ela usaria isso contra mim. Não consigo pensar direito. Preciso me controlar.

Aperto minha xícara vazia.

— Eu já te disse, não quero falar sobre isso — digo de novo.

— Pelo amor de Deus, Julie — Mika me repreende. — O Sam ia querer que você viesse. Você não esteve ao lado dele a semana inteira. Não apareceu nem quando ele foi enterrado.

— Eu sei, e tenho certeza de que todo mundo tem muito a dizer sobre isso também — rebato.

— Quem liga pro que todo mundo está dizendo? — Mika grita e seu corpo meio que se levanta do assento. — Tudo que importa é o que o *Sam* diria.

— O Sam está *morto*.

Isso silencia nós duas.

Mika me encara por um bom tempo. Seus olhos procuram os meus em busca de sinais de culpa ou arrependimento, como se estivesse esperando que de alguma forma eu corrija minhas palavras, mas tudo que tenho a dizer é:

— Ele está morto, Mika, e minha visita não vai mudar nada.

Sustentamos nosso olhar pelo que parece um longo período de tempo antes de Mika afastar os olhos. Pelo silêncio dela, sei que

está chocada e decepcionada. É neste momento que percebo que as mesas ao nosso redor também se calaram. Nossa garçonete passa por nós sem dizer uma palavra.

Depois de um instante, assim que a lanchonete retoma os sons, reúno minhas palavras.

— A culpa não é minha, sabe? Eu disse a ele pra não vir, mas ele não quis me ouvir. Eu disse pra ele *ficar lá*. Então todo mundo precisa parar de esperar algum tipo de pedido de desculpas de mim, e de me culpar por qualquer...

— Não estou tentando te culpar por isso — Mika diz.

— Eu sei que não. Mas todo mundo provavelmente está.

— Não. Nem todo mundo acha isso, Julie. E me desculpa, mas isso não tem a ver com você, e sim com o Sam. Tem a ver com não ter ido ao funeral dele. Tem a ver com o fato de a pessoa que era mais próxima dele, que o conhecia melhor, não ter nem aparecido pra falar sobre ele. O Sam merecia mais e você sabe disso. É isso que todo mundo esperava. Mas você não apareceu, em *nenhum* momento.

— Você tem razão. Talvez eu realmente conheça ele melhor — digo. — E talvez eu ache que ele não acredita em nada dessas coisas. As cerimônias, a vigília, o povo da escola, *fala sério*. O Sam não liga pra nenhum deles. Ele teria odiado tudo isso. Provavelmente está feliz que eu não apareci!

— Eu sei que você não acredita nisso — Mika diz.

— Não me diz no que eu acredito — respondo. Isso saiu mais ríspido do que eu queria. Quase retiro o que disse, mas não falo nada.

Por sorte, nossa garçonete reaparece para anotar nossos pedidos antes que a discussão prossiga. Mika olha para mim, olha para a garçonete e depois volta os olhos para mim.

— Na verdade, eu tenho que ir — ela diz abruptamente e recolhe suas coisas. Nossa garçonete dá um passo para o lado quando Mika se levanta do banco. Ela deixa um dinheiro na mesa e se vira para sair. — Estava quase esquecendo — ela diz. — Peguei suas tarefas na escola no outro dia. Não sabia quando você ia voltar. — Ela abre o zíper da bolsa. — Os anuários também chegaram. Os

nossos foram os últimos a serem pegos, então peguei o seu também. Aqui... — Ela larga tudo na mesa.

— Ah... Obrigada.

— A gente se vê.

Eu não dou tchau. Só observo Mika desaparecer pela porta de entrada, tocando o sininho atrás de si e me deixando sozinha novamente. A garçonete se oferece para reabastecer meu café, mas nego com a cabeça. De repente, não suporto mais ficar aqui, dentro desta lanchonete barulhenta, apertada e manchada de calda que está me deixando ansiosa. Preciso sair deste lugar.

Lá se vai minha tarde. Não sei o que mais fazer a não ser passear ao ar livre novamente. Tento não pensar na Mika e no que eu deveria ter dito de diferente, porque é tarde demais. Caminho pela cidade, deixando a cafeína bater. Pelo menos a friagem da manhã já se foi. As vitrines das lojas brilham com o sol da tarde. Passo por elas sem entrar. Ali está a loja de antiguidades. Sam e eu costumávamos entrar nela e mobiliar nosso apartamento imaginário juntos. Eu paro na vitrine. Por trás do vidro empoeirado há prateleiras compridas cheias de pinturas e estatuetas, pisos cobertos de tapetes persas e móveis antigos, entre outras coisas. Então, contra minha vontade, outra lembrança surge...

Sam me entrega um presente.

— *Comprei um negócio pra você.*

— *Por quê?*

— *Seu presente de formatura.*

— *Mas a gente ainda nem...*

— *Julie, só abre o presente!*

Rasgo o embrulho. Dentro dele há um aparador de livro no formato de uma única asa, esticada.

— *Não era pra ser um conjunto? — pergunto. — Cadê a outra parte? Está faltando.*

— *Eu só tinha como pagar por um na hora — Sam explica. — Mas acabei de receber meu salário. A gente pode voltar lá agora pra comprar.*

Quando voltamos na loja de antiguidades, a outra metade já tinha sido vendida.

— *Mas quem é que compra meio aparador de livro?* — *Sam pergunta para a mulher no caixa.*

Eu me viro para ele.

— *Você.*

Acabou virando uma piada interna nossa. Mas não tem mais importância. Eu o joguei fora na caixa com o resto das coisas dele.

Esta cidade está cheia de lembranças de nós dois. Há uma loja de discos onde eu sempre o encontrava quando saía do trabalho. A porta vermelha está aberta com uma cadeira. Algumas pessoas estão vasculhando os corredores de discos antigos. Alguém está trocando as cordas de uma guitarra. Mas nada de Sam sentado no balcão perto da caixa de som, ajustando a música. Ele nem trabalhava aqui. Simplesmente conhecia todo mundo. Eu me afasto depressa antes que alguém me veja e tente começar uma conversa que não estou a fim de ter.

Não sei por mais quanto tempo aguento ficar em Ellensburg. Estou cansada de reviver essas lembranças na minha cabeça. Não falta muito para a formatura, lembro a mim mesma. Só mais alguns meses e estarei fora daqui. Ainda não sei exatamente para onde vou, mas não importa, contanto que nunca mais tenha que voltar para este lugar.

Não me lembro de como vim parar no lago. Fica bem longe da cidade. Na verdade, não existe nenhuma trilha que leve a ele e2 nenhuma placa indicando a direção, o que significa que é preciso descobrir por conta própria. Da longa lista de lugares que eu planejava evitar hoje, este era o último em que eu esperava acabar.

Algumas folhas caem de uma árvore quando jogo minhas coisas no banco e me sento de frente para o lago. Sam e eu costumávamos nos encontrar aqui nos meses mais quentes. Era nosso pequeno esconderijo do mundo. Nosso refúgio secreto quando não tínhamos dinheiro para sair da cidade. Às vezes, eu me sentava com um caderno, tentando escrever alguma coisa, enquanto Sam ia nadar. Se eu fechar os olhos, posso ouvir seu movimento na água, ver suas omoplatas reluzentes atravessando o

lago. Mas aí eu os abro e dou de cara com a superfície plana e brilhante, e me vejo sozinha de novo.

Para de pensar no Sam. Pensa em outra coisa.

Escrever costuma me ajudar a distrair a mente. Trouxe um caderno comigo. Mas como a gente faz para escrever quando é difícil manter o foco? Talvez, se eu ficar sentada aqui por tempo o bastante, algo venha até mim. Pousei minha caneta numa página em branco e espero que as palavras saiam. Não temos horários para escrita criativa na escola, então tento fazer isso no meu tempo livre. A gente nunca tem a chance de escrever o que quiser nas aulas, de qualquer maneira. Entendo que é preciso conhecer as regras antes de quebrá-las, mas escrever deveria trazer alegria, certo? Acho que os professores se esquecem disso. Às vezes, eu me esqueço disso. Espero que a faculdade seja uma experiência diferente.

Devo ter notícias das faculdades em breve. A Reed College é minha primeira opção. É onde minha mãe estudou. É de se imaginar que isso poderia me ajudar nessa situação. “Não tenho a melhor das reputações por lá, então eu não mencionaria meu nome”, minha mãe me alertou. “Quando você tiver idade o suficiente, vou lhe contar a história. Fora isso, Portland é uma cidade maravilhosa. Você vai amar.” O fato de ficar a apenas quatro horas de distância ajuda; assim, não vamos ficar tão longe uma da outra. Outro dia li a lista de cursos deles e é cheia de aulas de escrita criativa, todas ministradas por escritores estabelecidos de todas as partes do mundo. Acho que vou poder ser eu mesma lá, descobrir no que sou boa. Talvez eu acabe escrevendo um livro para minha tese criativa. Mas estou me precipitando. Descobri que eles precisam de uma amostra da minha escrita. Então, mesmo que eu chegue a ser aprovada na Reed, talvez não consiga passar no programa. Tenho alguns escritos em que poderia dar uma olhada, mas tenho medo de que nenhum deles seja bom o suficiente. Eu deveria trabalhar em algo novo. Uma amostra poderosa que vá impressioná-los. Mas esta última semana tem sido um obstáculo para minha criatividade. Não consigo tirar Sam da cabeça, não importa o quanto eu tente. Ele não vai estar comigo quando eu abrir minha carta de admissão. Ele nunca vai saber se eu passei.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Você Ligou para o Sam" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).